



Ilustração Portuguesa

# ILUSTRAÇÃO PORTUGUESA

edição semanal do jornal «O SÉCULO»

DIRECTOR — J. J. da Silva Graça  
PROPRIEDADE DE Sociedade Nacional de Tipografia  
EDITOR — Antonio Maria Lopes

NUMERO AVULSO, 50 cavs.

ASSINATURAS: Portugal, Ilhas adjacentes e Espanha:  
Trimestre 6\$50. — semestre 13\$00. — Ano 26\$00.  
COLONIAS PORTUGUESAS: Semestre 14\$00. — Ano 28\$00  
ESTRANGEIRO: Semestre 17\$00. — Ano 34\$00.

Redacção, administração e officinas: — Rua do Seculo, 42, LISBOA

Crown Rikkon and Carbon Mtg. Co.<sup>a</sup>

Machinas de escrever,  
accessorios e officinas de reparação  
Freços resumidissimos

Verce J. Anão & Co.<sup>a</sup> L.<sup>da</sup>

1. Nova do Amparo, 6. 2.

Telefones 2536

LISBOA



DENTES ARTIFICIAES

Extrações sem dôr, corôas  
d'ouro, dentes sem placa.

R. Eugenio dos Santos, 25, 1.º

O melhor  
Cha exportado da  
Inglaterra é o  
Cha Endvar

Solicitamos Agentes  
Compradores para os  
mercados onde não  
tenhamos representantes

## CHA ENDVAR

ENDVAR COMPANY LTD

Fabricantes e Exportadores de Chas, Conservas, etc.

38A KING WILLIAM STREET, LONDON E.C. 4



## TONICO YILDIZIENNE

*O tesouro dos cabelos*

Faz nascer e crescer os cabelos. Cura a caspa, a canice, a calvice e todas as doenças do  
ouro cabeludo em todas as edades e em todos os casos.

*Tintura Yildizienne*

Instantanea. A melhor e mais rapida do mundo.

*Regenerador Yildizienne*

Cora os primeiros cabelos brancos em 8 dias.

*Schampoo Yildizienne e Skaffe*

O melhor que ha para lavar a cabeça e tirar a caspa.

*Brilhantina liquida Yildizienne*

Para dar brilho e leveza aos cabelos.

*Brilhantina solida Yildizienne*

Ondulante favorece a ondulação e dá aos cabelos um brilho incomparavel.

### Academia Scientifica de Beleza

Avenida da Liberdade, 23—Lisboa

TELEFONE 3641

Resposta mediante estampilha

Peçam em toda a parte os acreditados productos d'esta

ACADEMIA DE BELEZA

VENDAS POR GROSSO E A RETALHO

# ILUSTRACÃO PORTUGUEZA



A DISTINTA PIANISTA MARIE ANTOINETTE AUSSENAC

## A vida dos vocabulos

**O**s vocabulos vivem em comum, e reproduzem-se entre si. Tanto assim que um vocabulo—deve-se confessal-o—nunca é perfeitamente novo. E, pouco que de tal se tenha o habito, descobre-se em cada um d'elles bem facilmente as suas origens.

A maior parte das vezes, a mãe é latina, e não raro, o pae é inglez ou francez.

Contudo, não se deve contestar a existencia de uma infinidade de vocabulos, cujo nascimento é ignorado, cuja proveniencia permanece desconhecida.

Diz-se d'elles que são de calão. Seja!

São os vadios da lingua. São os bastardos. Nasceram de uma pancada, por virtude das necessidades d'uma cousa, má, sem duvida, mas que importa! Vivem e teem uma vida dura.

Vieram da rua, lá cresceram, lá se tornaram populares, mas não ficaram lá!

Introduziram-se em todos os meios, em todas as frases, atrevidamente, alegremente.

Destoam um pouco, sem duvida, e as boas senhoras não os pronunciam sem córar, mas teem um perfume, um cheiro se assim preferem, de um encanto bem grande.

Sómente são terriveis.

Não pedem licença, e, muitas vezes, tinhamos vontade de não os deixar passar. Mas teem tanto jeito que se escapam e nada se pode contra elles.

Nós mesmo o confessamos, dizendo:

—Desculpe-me, escapou-me!

E a gente desculpa, porque sabe bem que não houve culpa. Sabemos que não ha meio de os educar, esses fadistinhas. E desistimos de tal, além de que, como lembrança da ocasião em que a sua espontaneidade nos tirou de dificuldades.

Com efeito, eles reanimam, quando querem, uma frase moribunda, estimulam-na, dão-lhe um relevo rapido...

Ha familias de vocabulos muito numerosas, muito unidas, como ha familias de arvores, e teem igualmente a mesma raiz.

Ha tambem alguns vocabulos, raros, que vivem sosinhos.

E assiná-lo-vo a presença de velhos, de muito velhos vocabulos, que encontrareis, se isso fôr agradável, procurando-os nos livros antigos, e vereis que estão mortos entre as folhas como flôres secas.

(De Sacha Guitry)

Tradução de José PARREIRA

**C**ONTINUA a ser recebida com grande entusiasmo tanto em Lisboa como na provincia, a nova secção da *Ilustração Portuguesa* a cargo do distinto escritor e brilhante poeta F. de C.

Das mais humildes aldeias de Portugal, dos mais ignorados recantos da serra, chegam-nos a toda a hora poesias impregnadas de emoção e lirismo, pedaços de prosa de intenso colorido, ensaios dramaticos por vezes cheio de intenção. F. de C. com um grande carinho e uma boa vontade inexcusable, continua a atender todos aqueles que se lhe dirigem, não regateando a ninguém os seus conselhos, os seus ensinamentos e as lições da sua longa experiencia.

Todos os assinantes da *Ilustração Portuguesa* que desejem seguir as lições de F. de C. não teem mais do que enviar as suas composições literarias e um selo de dez centavos para resposta.

Todos aqueles que não sejam assinantes terão apenas que fazer uma assinatura de três meses, sendo indispensavel que todos mandem dizer o numero da sua assinatura.

Cumprindo a sua promessa e seguindo a sua orientação, F. de C. publica hoje, assim como todos os sabados, a poesia que mais lhe agradou dentre aquelas que lhe enviaram durante a semana finda.

As quadras que se seguem, cheias de emoção e por veses, perfeitas na forma, são duma ingenuidade encantadora, e revelam notaveis disposições literarias.

A sua autora Ester Gil Nobre, tem apenas 15 anos de idade e vive em Oliveira do Hospital, uma aldeia perdida na Serra da Estrela.

Eis as quadras:

Tomaste com ironia  
O segredo que te disse...  
Ironias como aquela  
Nunca ninguém as sentisse.

Não nos queremos fitar  
Um do outro ambos fugimos  
Os dois querendo ocultar  
O que ha tanto descobrimos

O teu olhar foi um beijo  
Que o meu olhar recebeu,  
Com pecados desses beijos  
Nunca ninguém se perdeu.

Quando deixar este mundo,  
Contarei em confissão,  
Que antes de morrer, morreu  
A minha grande ambição.

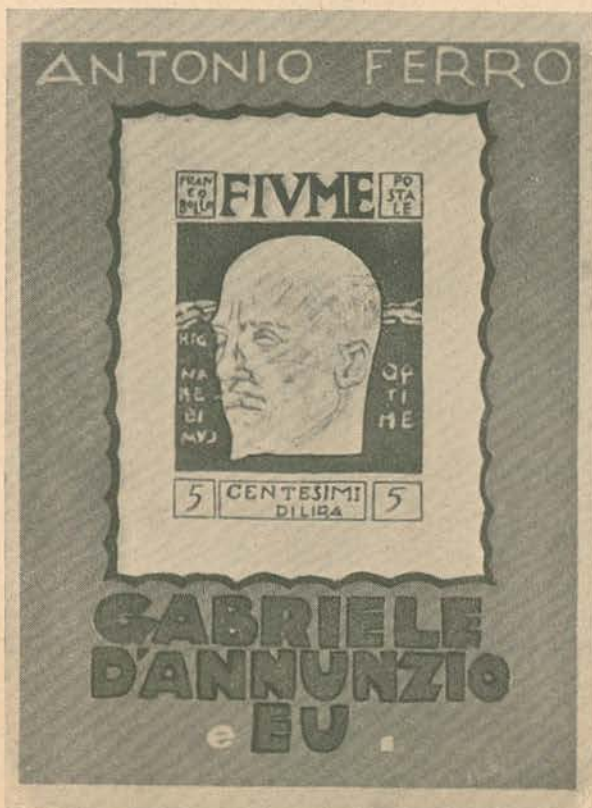
Quem seria que inventou  
Esta palavra saudade?  
Talvez um velho que amou  
A pensar na mocidade.

ESTER GIL NOBRE

**O** pintor Antonio Soares, abre hoje, definitivamente a sua exposição no salão da *Ilustração Portuguesa*. Esta exposição está destinada a um largo exito.

## “Gabriele d’Annunzio e Eu”

FEZ bem Antonio Ferro em salvar do injusto efemero, que é a vida de algumas horas de um jornal, o feixe de crônicas fulgurantes, quasi cinematograficas, porele expressamente escritas para *O Seculo* ácerca da aventura heroica de Fiume, reunindo-as em livro com o titulo de *Gabriele D’Annunzio e Eu*. Singularidade de estilo, em que a preocupação da imagem, inedita e bizarra, é patente; destreza de pintor que, em pinceladas febris, resume a paisagem ou ergue, insuflando-lhe alma, a figura; sinceridade de visão, que o culto apaixonado, a idolatria pelo Poeta não empanam; afirmação indiscutível de meritos jornalisticos a juntar a meritos literarios, tude isto se encontra na encantadora brochura de Antonio Ferro, mais de cem paginas coloridas e nervosas, por certo um dos mais vivos e estranhos documentos de alta reportagem trazidos a lume sobre episodios que, de perto ou de longe, estão ligados á Grande Guerra. Atravez da retina inquieta e penetrante do cronista, vemos Fiume, as suas mulheres, os seus soldados,



## O ultimo li- vro de An- tonio Ferro

a cõrte dannunziana; pelo braço dele, vamos a Veneza, percorremos Florença, paramos em Roma e em toda a parte é Gabriele D’Annunzio o dominador, o eleito, o unico, de quem se fala e a quem se adora. Se me fosse dado entre todas as crônicas, igualmente formosas, escolher alguma, para a minha preferencia distinguiria aquela admiravel agua-forte do banquete fantastico em que Gabriele d’Annunzio saudou Antonio Ferro cujo deslumbramento, porém, não foi tamanho que o impedisse de fixar, com a frieza de um analista, o cru realismo do quadro, um dos mais curiosos, movimentados e expressivos que lhe proporcionou a sua surpreendente viagem. *Gabriele d’Annunzio e Eu* encerra a reprodução de algumas fotografias do Poeta que sobre ela traçou, na sua letra larga e firme, dedicatorias de muito apreço e, sem duvida, de reconhecimento, para com o moço literato e jornalista português que, de tão longe, foi a vê-lo e a venera-lo, como o devoto peregrino vae a Meca...

AVELINO DE ALMEIDA

# A ENTREVISTA DA SEMANA

## MARIA ADELAIDE LIMA CRUZ

O ambiente é colorido, movimentado. Em plena exposição, naquela pequena sala do Bobone. Ha gente que vai e vem; os olhos pousados nos quadros, como abelhas avidas — avidas do mel fulgurante da sua luz...

Dum lado as caricaturas, do outro as paisagens. Paro em frente duma caricatura, o numero 29, onde me sinto, involuntariamente, alvejado... Paro em frente da caricatura de Fernanda de Castro, a poetisa alacre das *Danças de Roda*, tão bem surpreendida no seu tipo vivo de meridional; paro em frente de um Alfredo Pimenta de perfil, dado com segurança e com analyse; paro em frente de varias outras ligeiras impressões onde o sorriso vibra, aflora, explende — mas sempre espartilhado na elegancia sóbria dos recortes... Paro depois em frente da *Onda*, uma bela visão de mar revolto, a plumejar-se em espumas, sobre os rochedos; e ainda em frente de um aspecto do quintal da artista, em *Colares*, todo ressumante de claridade; ainda em frente de muitas telas mais, onde se colhe vitoriosamente a prodigiosa sensibilidade primaveril dos olhos que as coloriram...

Perdi a noção da idade da minha entrevistada. E comecei por conversar com ela através as suas obras. E as suas obras puzeram deante de mim uma artista quasi feita, segura já de si propria, desenvolta, inteligente, uma artista emotiva em certos detalhes paisagistas, uma artista de uma observação certa em certos momentos frívolos de *charge*. Esqueci-me da entrevistada. Esqueci-me da sua menoridade da vida — para só ver a sua maioridade na Arte. E quando, finalmente, num recanto da sua exposição, encontro Maria Adelaide de Lima Cruz, minúscula na sua pequena *toilette* negra, os olhos a luzir, espertos, o cabelo solto, infantil — eu, que já a conheço, não posso impedir-me de um espanto novo. Os treze anos de Maria Adelaide são inacreditaveis. O numero treze, que para quasi todos é mau agouro — para esta pintora menina é o triunfo mais claro, mais aberto...

Maria Adelaide é a artista mais nova de Portugal. E eu que estou habituado a entrevistar individualidades, com o prestigio da sua consagração e da sua vida, eu que abordo facilmente os vultos mais sobranceiros e mais inacessiveis — sinto-me vagamente intimidado perante esta abonecada figurinha, que me olha com as suas pupilas inquietantes. Nada mais enigmático do que uma criança e mo esta — uma criança

que é magnificamente uma revelação. Tem-se sempre um certo receio das infantilidades que vdam — que vdam mais alto ainda, porque são mais leves...

E principio, contra o meu habito, a fazer perguntas solenes a Maria Adelaide Lima Cruz, perguntas classicas e inevitaveis de entrevistador:

— Como é que você se lembrou de começar a pintar?

Ela tem um sorriso ingenuo, fresco sobre os labios:

— Não sei... Foi naturalmente, espontaneamente... Logo que os meus dedos tiveram força para segurar um lapis...

— Ha quanto tempo?

— Já ha bastante. Mas expôr, só exponho ha tres anos.

Só expõe ha tres anos, esta pintora de cabelos curtos... Só expõe desde os dez, na idade em que as bonecas são ainda as grandes ternuras instinctivas...

— Mas então, você não gostou nunca de bonecas...

— Nunca... Nunca me interessaram. Só me serviam, quando era mais nova, para as partir...

E' natural, Partir as bonecas, é o primeiro passo... Os brinquedos só começam a ter alma quando se quebram — na ansia de os ver por dentro. Os deuses, mesmo, não são outra coisa para os homens...

— Quais são os seus pintores preferidos?

— Antigos ou modernos?

— Antigos e modernos...

— Ah! Mas são muitos, muitos...

— Em todo o caso, ha sempre alguns que impressionam mais...

— Talvez lhe possa então citar Van-Dick, Velasquez, Rembrandt, Corot...

— E actuais?

— Actuais, olhe, em Hespanha, o Sorolla Em França, varios, imensos. Vou-lhe dizer dois, dois que parecem absurdos ao pé dos outros, dois que

me agradam especialmente, sob outro ponto de vista: Rosa Bonheur e René Vincent...

— René Vincent, como caricaturista...

— E' claro, como caricaturista...

— E portugueses?

— Portugueses, sobre todos, Carlos Reis, o mestre do sol! Noutro género, Leal da Camara... E' claro, admiro imenso outros, Malhõa, por exemplo...

Pouco a pouco a gente foi saindo da exposição. A tarde acaba, Estamos já a conversar á luz das lampadas electricas

Agora é mais facil abarcar o conjunto da exposi-



Maria Adelaide e sua mãe, a illustre pintora D. Maria Adelaide Lima Cruz.

ção, de um só olhar. E isto sugere-me outra ideia:  
— O que prefere, para cultivar? A paisagem ou a caricatura?

— A paisagem.

— E dentro da paisagem...

— A marinha. E' mesmo de um quadro de marinha, esse que ali está, *Ondas e espumas*, no Adraga que tenho as melhores recordações. Pinte-o numa sessão apenas. Um dia de vento de humidade. Fui com minha familia até lá. Estava nervosa, resolvida a acabar o quadro, naquela mesma tarde. Eu trabalho quasi sempre assim, nervosamente, impulsivamente... A maré subia, mas eu não me importava...

— E afinal...

— Afinal, consegui trazer para casa o quadro acabado. Que vitoria!...

Olho, em silencio, Maria Adelaide, surpreendido. A voz aqueceu, exaltou-se. O temperamento precocemente agitado da artista, levantou-se, em maré-viva...

— E dentro da caricatura, o que a preocupa mais?

— A exatidão, a sobriedade, a linha justa. A minha aspiração maxima é sempre a da observação rigorosa...

Ha ali mesmo, junto de nós, a documentação das palavras de Maria Adelaide—um estudo de americanos, esses americanos altos, magros, alourados, maciços, a face côr de cenoura e grandes movimentos desconjuntados de *pantins* ingenuos... Regresso á sua galeria de humorismos.

— Qual é a sua caricatura mais querida?

— *Um egual a muitos*, além, tres dandys modernos em colloquio. Outras, ainda: *A Pretenciosa*, *O Indiferente*...

Lá estão êles, alinhados, empavoados, em *penand*, atitude ostensiva de arrogancia, muito modernos, num ridiculo elegante, estilizado...

A exposição fechou. A noite é completa, lá fóra. Chove. A familia de Maria Adelaide vae sair. E eu, antes do exodo, quero trocar ainda duas frases com a Senhora D. Adelaide Lima Cruz, a mãe da pintora, e ela mesma pintora illustre. E, em rapido dialogo fi-

xamos algumas impressões. A senhora D. Adelaide Lima Cruz, que tem um quadro em New-York, na galeria Peckman, um quadro no Rio de Janeiro, varios quadros espalhados, aqui e alem, em Lisboa e muitas exposições, umas quinze realizadas entre nós, define a sua arte, ela mesma, como «A pintura em silencio». Ela gosta só de ambientes plácidos de enlêvo, surdinas de tons e de linhas, conjuntos serenos afagantes de beleza suave. Fala-me das suas preferencias literarias, de onde ressaltam Samain, Rodenbach, Veilaine, poetas que fazem tambem, literariamente, «A pintura em silencio»...

Mas ainda falta a terceira artista da familia. Maria Antonieta, a compositora. Saímos todos, debaixo da agua que vae caindo, amedada, sobre os asfaltos do Chiado. E' o que se póde chamar uma entrevista—submarina... Maria Antonieta é uma silhueta fragil, duma finura doentia, com uma voz branda, quasi imperceptivel, que flutua, em palavras que são plumas ligeiras... Maria Antonieta só póde compôr os os seus trechos, no escuro. Ao passo que a irmã precisa de luz, precisa de dia para os seus quadros—ela precisa de noite... Os seus musicos são desde Bach e Mozart até Debussy, Chanson, Bréville, Bizet, zetti, chefe da escola nova de Italia, e outros muitos outros, que ela me vae dizendo, mas que a chuva leva, na sua rapsódia impertinente...

Chegamos ao Rocio. A chuva, agora é em bátegas fortes. Despedimo-nos. Maria Antonieta informa-me, no ultimo *Schake-Lands*, de que vae publicar brevemente a sua «Nevicata»—uma sugestão de neve caindo, em flócos, tenue, leve, poalhando, como uma expuma lívida e nupcial...

E agora é, definitivamente, a partida, a separação—e olho o Chiado, o Chiado cinzento, em diluvio, onde Lisboa corre, como numa ribalta guarda-chuvas abertos... E levo ainda o espirito cheio da arte delicada, subtil, espiritual das minhas tres entrevistadas—uma Santissima Trindade de artistas...

João AMEAL



A poetisa Fernanda de Castro, caricatura de Maria Adelaide

# NORBERTO DE ARAUJO



*Os jornalistas que assistiram ao almoço*

## O ALMOÇO DOS JORNALISTAS

**N**O domingo passado, realizou-se no «restaurant» Tavares, um almoço de homenagem ao distinto jornalista Norberto de Araujo, que acaba de ser condecorado com o Grande Oficialato da Corôa de Italia, como premio da sua brilhante reportagem em Italia. O almoço decorreu com a maior animação tendo constituído uma parada de forças jornalísticas. O director da *Ilustração Portuguesa*, sr. Antonio Ferro, pronunciou o seguinte brinde:

«A minha amizade por Norberto de Araujo, amizade forte, leonina, que rugue, muitas vezes sem deixar de ser amizade, nasceu, afirmou-se, tomou corpo, no Coliseu de Roma, uma noite sem lua, uma noite de treva feroz, uma noite onde os nossos olhos criadores, supersticiosos, puseram, sobre os degraus do velho circo mumificado, cem mil romanos, a espreitar-nos, a seguir-nos os movimentos, á espera de nos verem lutar, a nós dois, sósinhos, ali, na arena, frente a frente, como dois gladiadores... As ruínas do Coliseu são as ultimas feras do circo. Elas morderam-nos, excitaram-nos, deixaram na nossa amizade um travo de violencia e de nobreza... Quando ele escreve, quando eu escrevo, quando nos referi-

mos um ao outro, nós estamos sempre no Coliseu de Roma, nós estamos sempre a viver a hora saudosa em que nos conhecemos...

Ao regressar de Fiume—a ultime trincheira da raça latina—os meus amigos, os meus companheiros de luta, nesta mesma casa, ofereceram-me um banquete. Eu tive o orgulho de ver á minha volta todos aqueles que para serem sinceros, neste Portugal descrente, teem de resignar-se a ver, constantemente, a sua sinceridade posta em duvida. Entre esses estava Norberto de Araujo. Ele veio afirmar-me, nobremente, a sua camaradagem, apenas a sua camaradagem. Eu não podia deixar de vir aqui hoje afirmar-lhe, não só a minha camaradagem, mas a minha admiração, a admiração de quem o viu trabalhar, de quem o viu pôr nos seus artigos, em ritmo e em verdade, toda a dinamica da Italia de hoje. A Italia politica, a Italia industrial, a Italia catolica, entregaram-se a Norberto de Araujo, viveram na sua prosa masculina de jornalista moderno. Ele ensinou-nos toda a aritmetica da Italia. Norberto de Araujo soube ganhar a sua condecoração. E enquanto êle a soube ganhar, meus senhores, eu soube perdê-la... Eu fui o jornalista da revolta, o paladino duma insurreição,



o homem que fêz rir com o seu culto por D'Annunzio, o homem que riu com a ironia dos outros... Podemos estar satisfeitos, querido Norberto. Ambos fomos premiados. Você foi condecorado pela legalidade, pelas chancelarias, pela Corôa da Italia. Eu fui condecorado pela irreverencia, pela aventura, eu fui condecorado com alguns autografos de d'Annunzio, esse Gabriel D'Annunzio que é o unico poder executivo da Italia, que a minha Arte reconhece.

Norberto de Araujo, meus senhores olhem-me bem: não vejam nas minhas palavras sinceras, palavras com vinte e tantos anos cada uma, um segundo sentido que elas não têm... Não ha entrelinhas, ha a verdade entre labios. Eu admiro Norberto de Araujo,

admiro o seu talento que nunca deixei de ver, mas jamais falei da Italia sem falar em d'Annunzio... Perdêm-me a fraqueza. Eu volto já a Norberto de Araujo. Ele é, sem duvida, um dos jornalistas portugueses que mais direito tinham a esta homenagem. Pela sua vivacidade, pela sua inteligencia, pelo brilho da sua pena, ele tem contribuído, como poucos, para modernizar o nosso jornalismo comodista e teimoso. Brindo por ele, e se acaso o meu brinde o magoou peço-lhe que não se esqueça da hora leonina em que nos conhecemos, da hora do Coliseu de Roma, a hora que eu vivi, neste momento, para o brindar, para lhe dizer toda a minha admiração, toda a minha camaradagem».



*Joaquim Manso, Norberto de Araujo e Antonio Ferro*

*(Clichés Salgado)*

# CRONICA DE S. BENTO

**F**AÇA-SE a luz!

Foi o grito de Jeovah, enrodilhado no turbilhão do Caos, em plena era bíblica.

Faça-se a luz!

E o éco dessa voz potente, e ânsia infinita dessa vontade divina, ficou a germinar no mundo, séculos fóra, interminavelmente:

—Faça-se a luz! Faça-se a luz!

E' do que o Parlamento está a precisar: de muita luz, de muito sol. O sol desinfecta e cria. A penumbra adormenta, ergue sonhos fantásticos, — castelos em Hespanha, nuvens que passam, nirvanas plenos de «ámanhãs» radiosos, um fatalismo budhista que nos põe todos a dormir.

O farol da Liberdade está longinquo... em Nova York.

E' necessario acender todos os cerebros. Espevitar-lhes os morrões. Dar-lhes alento. O Parlamento tem uma luz tumular. Parece uma reunião macabra de fantasmas do Além.



O sr. Sá Pereira



O sr. Bernardino Machado

Fala-se em «negocios escuros», atacam-se as «lâmparas» do jornalismo...

Uma duche de sol é o remédio santo.

*Cura-te ipsum!*

A luz lava as almas, como a água lava os corpos.

Se é de luz que se precisa, porque não elegeram o sr. Barros Queiroz para a presidencia da Camara?

Assim, dorme-se. Os «fauteuils» são macios, as vaidades embaladoras...

Um dia destes presenciei uma scena curiosa.

Discutiam-se os Transportes Maritimos do Estado.

T. M. E. para aqui, T. M. E. para acolá...

Nisto certo deputado acorda, com o barulho.

Acorda e ouve a expressão fatidica: T. M. E., T. M. E....

—Temos Mais Escandalos!...

«Pois continuem a barulhar!

E tornou ao beatifico sono da sua bemaventurança.

# INTERIORES DE ARTE



O escritório do grande escritor francês Henri Duvernois, o celebrado autor da «Gizelle»  
e do «Faubourg Montmartre»

# O ELOGIO DAS HORAS

## XIII

(CONTINUAÇÃO)

*Midi, roi des étés, épandu sur la plaine.  
Tombe en nappes d'argent des hauteurs du ciel bleu  
Tout se tait. L'air flamboie et brûle sans haleine  
La Terre est assoupie en sa robe de feu.*

**M**EIO DIA! Hora braza, hora labareda, hora em que o Sol desprende sobre a Terra a cabeleira fulva...

Neste Livro de Horas que é a Vida — livro que se abre, religiosamente, ao romper de alva, para se encerrar, ao anoitecer, bem seguro, com os fechos de prata do luar — cada paisagem, ao meio dia, é uma iluminura...

As côres vivas, estridentes, agudas, parecem coladas às coisas... Como creanças curiosas, os meus dedos admirados, estupefactos, raspam as flores, os frutos, as folhas, mergulham no azul dos lagos, agitam-se na poalha de ouro da atmosfera, mirando-se, espantados, incredulos, ao sentirem a fixidez da côr, que eles supunham iria despegar-se, ao seu contacto... As côres vivas, metálicas, apopléticas — derramam sangue...

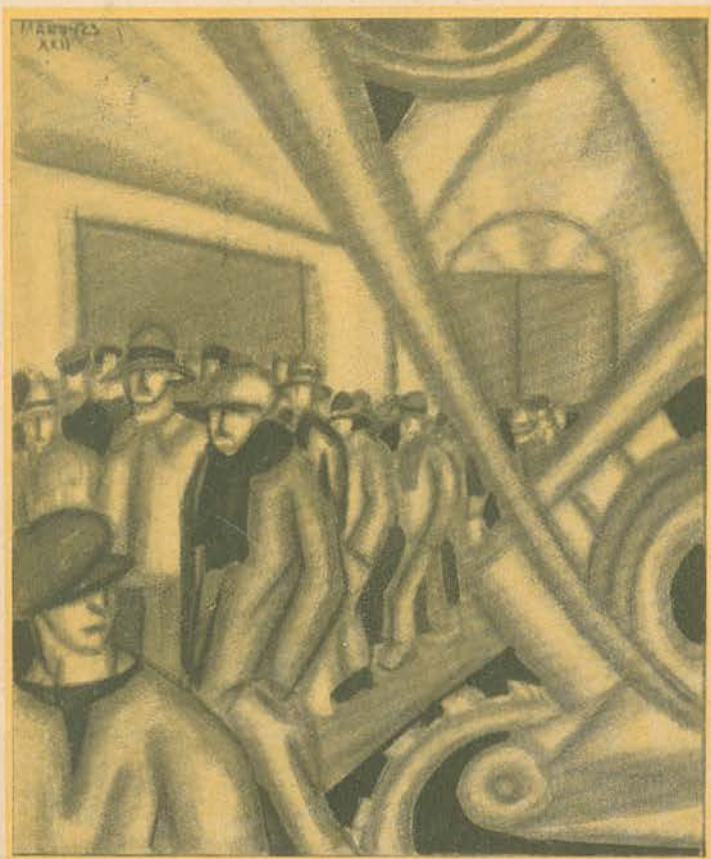
Os ribeiros, os regatos, as linhas de água, a fertilisarem a paisagem, são veias inflama-das... Debruçado sobre a Terra, o Sol, na tísica galopante das horas, desfaz os pulmões no sangue das papoilas... As rosas vermelhas são rosetas de febre, estampadas na face congestionada da paisagem...

Debaixo das arvores — guarda-soes que Deus plantou na Terra — abrigam-se da Hora-braza, os operarios da natureza — os segadores, as ceifeiras,

as mondadeiras — barros humanos, cosidos pelo Sol, amargassados em desventura e dôr...

Entre a ramaria, no levantar dos melros, no atirar das cantigas, vai um murmúrio brando, harmonioso, musical — de ouro, a caír...

Subo à crista do monte. A paisagem é um incendio. Meio Dia! A Hora labareda, a Hora-braza, a Hora em que o Sol desprende sobre a Terra a cabeleira fulva, em que é um menino loiro no berço azul do espaço...



Meio Dia! A cidade resplende, polida, luminosa, lamina larga que sangra os olhos... As ruas são arcadas de luz... Os predios, os palacios, as catedrais, são oleografias ingenuas, vivendo o colorido falso dos bilhetes postais para uso de turistas... A cidade lembra um teatro a branco e ouro, com a grande lampada electrica do Sol lá no alto...

Não ha farrapos... A Hora que passa, em seus dedos de luz, coseu, alinhavou os trapos dos mendigos, deu-lhes o geito de capas medievais... Os seus proprios bordões mudou em espadas... Meio Dia! Hora nova, hora em que o Dia tem vinte anos... O Sol, millionario da luz, espalha ouro ás mãos cheias... O cobre desapareceu; só entra em circulação para o crepusculo... A cunhagem é de ouro, apenas. Rostos frescos, iluminados, metálicos, vitriolados de luz, sorriem-se

uns para os outros, combinam-se em gargalhadas, como tintas que se encontram.

Meio Dia! Hora em que os operarios travam os seus corpos mecanicos, hora ao repouso, hora em que todos se prostram perante o Sol, Hora violenta, Hora divina de Anunciação!

XIV

Uma Hora da Tarde... O eco, na abobada do Tempo, da uma hora da madrugada... (Todas as horas da tarde são antipodas das horas da manhã...)

A Hora cai, imperiosa, severa, breve como uma ordem de Deus! Já! Já... para o trabalho!... Como rebanhos, os homens juntam se, contrafeitos, a resmungar... Em mangas de camisa, ageitam a ferramenta aos ombros... Lá vão, lá vão de cruz ás costas para o calvario da Labuta...

Bem talhados, bem penteados, bem medidos, os

homens dos lanificios, dos retrozes e das sedas, com a alma em prateleiras, feitos só duma peça, regressam ás lojas, resignados a passar a tarde a desdobrar peças sobre peças, quilómetros de fazenda onde os olhos gulosos das burguezinhas glissam todo o dia, como *grisettes* nas montanhas russas...

Uma Hora da tarde! Hora seca, hora sem agua, hora que é uma planura, um deserto no dia... Hora em que a terra dorme a sesta, a sussurrar, a ressonar, brandamente... Hora indolente, hora inutil que não serve para nada, que atira com o meu corpo para os braços do *maple* que me espera.

Uma hora da tarde... As folhas carinhosas rumorejam um *schiu... schiu* brando, cauteloso... Dorme tudo... As coisas fecham-se por dentro. Os retratos cabeceiam nas paredes... A Terra espreguiça-se... Ah! Os minutos embrulham-se-me nas palpebras... Adormeço...

ANTONIO FERRO



(Ilustrações de Bernardo Marques)

## I

A guerra não o expôz só a ele. Expô-la também a ela. Perigos diferentes, apenas.

Para ela o fogo «boche», os gazes asfixiantes, as surpresas dos assaltos de trincheira á mocada e á faca, as barragens, a lama tuberculizante do sector, para ela todos os perigos do soldado. Nova, mais nova do que ele, Amalia achou-se pela primeira vez na sua vida, senhora sua, desde que o Meireles partira, para a mobilisação de Tancos. Em Lisboa ficou a madrinha, sem uma mãe ou um filho, sequer, vivo que a defendesse, quando ele acompanhou o primeiro contingente carregado para a Flandres.

Ele bateu-se mezes e mezes, dignamente, bravamente. Mais do que soldado que cumpre, foi a alma que se eleva elevando a alma duma Raça.

Nunca foi ferido.

Ela foi ferida ao primeiro recontro com um galanteador de officio.

Atraída, arrebatada por uma força bem mais poderosa do que a sua fraca vontade de mulher fraca, que nunca soube o que era um *flirt*, uma intriga, um segredo, um escorregão, achou-se em pleno pecado, horrorizada e assombrada de si mesma. Não nascera para aquela duplicidade. A sua rectidão não se dava com o enganar. Desde que outro homem a de nudára, a sua alminha cobrira-se de remorsos e de escrupulos ante o marido, apesar da lonjura que os separava. E quando recebia carta dele, contando lhe os trabalhos que passava, de olhos fitos na honra, a alma empregada na saudade dela, a pobre gemia remorsos ainda mais fortes, desesperos que a evidencia da situação levantava em guinadas de navio batido por duas marés,

Depois era o tormento de lhe responder, ela que não nascera para escrever, que não sabia compôr, para quem redigir uma carta ou abrir a alma era descerrar e desvelar todas as impressões, todos os sentimentos, todas as comoções, como quem corre o velario dum oratorio e patenteia á luz do sol a serenidade extatica duma viragem.

Adiava o martirio. Por fim, receando que *ele* a



# Suprema Coragem

imaginasse doente ou adivinhasse tudo, resolvera-se a escrever-lhe cartas breves, mais pequenas do que quando vivia só para *ele* e lhe fazia o diário da sua vida e da sua alma. Para justificar o laconismo, queixava-se de não passar bem, tentando compensar a compressão das suas lendas, com expressões de ternura e de saudade que a ela mesmo soavam a afeição de cór, a trecho de canção entoada por alguém que ensurdeceu a lembrar musica de outros tempos. Sobrescritava a carta, abria-a uma, duas vezes, para a re-ler. Parecia-lhe que *ele* a havia de achar fria, diferente do que era dantes. Punha-lhe em *post-scriptum*: «milhares de beijos». Fechava-a. Mas ao estampilhá-la, acudia-lhe a duvida: «E se eu nalguma frase lhe troquei o nome! *Meu Deus!*» E rasgava o sobrescrito, relia a carta, aperfeiçoando, retocando as letras. Por fim, lá a mandava ao seu destino.

Com os meses, a sua paixão tornou-se mais audaz. Sentia a necessidade de se atordoar com a própria culpa. Era ela, então, que chamava Alfredo que lhe pedia assiduidade, que lhe exigia as suas

noites, perdendo as ultimas reservas, decidida a entregar-se toda, e para sempre ao seu culpado, querendo-lhe já muito bem pelo muito que a fazia sofrer. O rei da natureza condescendia em se deixar amar, sem arrebatamento, recebendo a dadiwa como preito que lhe é devido, esquecido de quando se rojava á procura e ao rogo das sobras daquele coraçãozinho desprevenido.

O outro continuava nas trincheiras, a bater-se agora com outro flagelo: a inquietação pela saude dela. «Era o que lhe faltava»; e *ele*, adormecendo e acordando com a morte á cabeceira, não perdeu a vida naquele inferno de metralha, de venenos, de fomes, de frios, de sangue, a perde-la a ela! Antes acabar, ali, também. Só queria sabe-lo para procurar a morte mais depressa!...» Escrevera para Lisboa a pedir noticias dela. As repostas eram veladas: «Que não se inquietasse, que a sua mulher não estava doente; ainda ha dias a tinham visto na rua e no animatografo».

Continua a estudá-la, a comparar a extensão das cartas desta serie com as que lhe escreva para Tan-

cos, notando-lhe qualquer preocupação que pairava e ensombrou a sua antiga naturalidade. Até a sua caligrafia lhe parecia mudada, mais nervosa, mais fechada. «Era a maldita guerra que estava a dar cabo dos nervos das famílias dos combatentes, como a «eles próprios: Que admiração! A saudade, aquele «torturante e longo afastamento de ano e meio, em «constante susto de que uma granada o matasse, a «inquietação duma pobre mulher que tem o marido «exposto a mil perigos, o coração enfastiado por «mil aflições, sem ninguém para a serenar, para lhe «fazer companhia, para lhe amainar os nervos!...»

E convencido de que a sua ausência era a doença de Amalia, resolveu dar um pulo a Lisboa, aproveitar do-se do direito á licença. Requereu-a e anunciou-o á mulher.



## II

QUANDO Amalia acabou de ler a carta, toda ela tremia.

— «Uma viagem assim imprevista, decidida da noite para o dia, de uma hora para a outra... Desconfiaria ela?... Tê-lo-hiam denunciado?...»

Sentou-se á sua mezinha Luiz XV, abriu a sua pasta de marroquim cor de sangue de boi, que ele lhe oferecera, e escreveu á pressa uma curiosa carta, a Alfredo, a chamal-o em nome de assunto urgente e grave.

Passou-se uma hora, e outra por cima dessa, e nada do seu chamado ser atendido.

— «E eu que tanto lhe pedia que não tardasse...»

Escureceu. Na alma de Amalia ia também escurecendo. Até que pelas sete e meia, Alfredo entrou, preguntan-

do de mau humor o que era aquela piçuiça.

— Lê — disse simplesmente Amalia, passando-lhe a carta recebida aquela manhã.

— E é por isto — estranhou Alfredo, ao acabar de ler — que tu estás tão apoquentada? Doidinha!...

— Se te parece!...

Alfredo não respondeu; depois, sobre um enleado silêncio, perguntou:

— O que tencionas fazer?

— Sair desta casa. Não nasci para mentir. Só eu sei o que me tem custado a escrever-lhe, a sustentar a hipocrisia desta correspondência, quanto mais agora vê-lo, falar-lhe, sei... Ah! não, não! Isso não! Leva-me contigo, leva-me desta casa, Alfredo. Levas, sim, meu Fred, meu querido Fred?...»

— Eu acho um disparate estragares esta situação...

— Como?! Achas um disparate?! Imaginas, então, que eu me presto a ser... de dois homens? Não, tu não me conheces! Cometi um erro, uma falta mas não cometi uma infamia! Perdi a cabeça, mas não perdi a noção do que devo a mim mesma. Uma paixão é uma paixão. Pode levar uma mulher a tudo, á miséria, á morte. Admito-o. Uma vida de simulação, de embuste, não! Ele tem o direito de me acusar de que o deixei de amar, De que o engano, não, não me poderá acusar.

— Mas, minha filha...

— Deixa-me falar.

— Bem, bem fala.— E sentou-se resignado a ouvir como se espera que passe uma chuvada num portal.

— E' a minha vez de pensar, de dizer o que penso. Disse-te sempre que se um dia te pertencesse era de alma, vida e coração. Que era para sempre, e só tua. Enquanto ele esteve ausente era uma coisa. Quanta vez tive tentação de lhe confessar lealmente o que se passava! Mas paralisou-me a mão a ideia de que aquele homem pudesse ter um momento de desespero e entregar-se á morte que tanto o buscava. Agora que vem aí, e eu, se esqueci o seu nome não esqueci a minha lealdade. Não posso, não quero assistir á amargura de ele quando vier para me beijar não encontrar os meus lábios... Mas estás arrependido, Fred? Não mantens os teus juramentos, os teus rogos de ser só tua? Seguirei a minha vida. Irei trabalhar, sujeitar-me-ei a tudo. Neste caso, não fico!

— O que aí vae de dramas! E' um verdadeiro folhetim!... — exclamou Alfredo, erguendo-se e encaminhando-se para Amalia, a acarinhala.

— Para vocês, homens, estas coisas tem de ser sempre uma comedia. E' assim que estás-habitado, não é?

— Confesso-te que se toda a vez que um homem amasse uma mulher casada se desencadeassem incompatibilidades destas, o amor desapareceria da terra.

— Dizei antes: o vicio, compreendo: nada de complicações. Amor de *mouches*, pousando aqui e além, voando quando alguém os afugenta. E' mais comodo! O marido sustenta-as, vocês gozam-as. E ha mulheres tão á vossa imagem que aceitam essa... porcaria!

Alfredo protestou:

— Tu ainda me não deixaste responder. Exigiste que te ouvisse, acedi. Vejo-te nervosa, e, ao querer mostrar-te como me encontram serenamente preparado as consequências do nosso amor, sejam elas quaes forem, tu julgas-me mal, e magoas-me com os teus maus juizos.

JOAQUIM LEITÃO

Da Academia de Sciencias de Lisboa

(Conclue no proximo numero)





Os pesos usados na Costa de Marfim e na Costa do Oiro, para o commercio do oiro, são fabricados pelos indigenas. O molde não serve senão uma vez e cada objecto é um original. Traduzimos dum artigo de Clausot e Level: «Ha duas especies de pesos. Uns, rectangulares, gravados de sobrios desenhos geometricos, são para uso commercial. Os outros que constituem um pequeno museu de figurinhas—diminuitivos de fetiches, de mascaras, de objectos usuais—e sobretudo uma verdadeira Arca de Noé de animais domesticos ou selvagens, são dum emprego ritual e judiciario. Os fabricantes indigenas mostram uma imaginação ani-





malista quasi inexgotavel. Nos seus dedos os pesos de cobre tomam fórmias animais, por vezes extraordinariamente vivas e mesmo muito movimentadas: Serpentes devorando um bat-saquió, panteras trazendo da caça um furão ou um antilope, todas as variedades de passaros, pequenos ou grandes, galinhas, galos batalhadores, etc., etc. Alguns trazem joias: colares ao pescoço!» As duas paginas que hoje damos são reproduzidas das «Feuillets d'Art», uma das mais belas revistas do mundo.

A PARTIDA DO SR. THOMAZ BIRCH PARA A AMERICA



*O sr. Thomaz Birch, no Posto de Desinfecção, antes do embarque*



*O sr. Thomaz Birch despedindo-se de Lisboa*

# A S E X P O S I Ç Õ E S

A «exposição regional» de António Joaquim Fernandes Lima, que nos seus trabalhos adopta —prevenia o catálogo— o nome Lima Machado Pereira, não deixou de constituir para mim um motivo de agradável evocação. Evocação, cujo poder não dimanava, aliás, do valor das



1914-1915

obras olhadas, mas de alguns dos seus títulos e dos sítios que pretendem representar minuciosamente.

Conheci aquela *Caseta*, que até me enfarruscou numa tarde de magusto! Muitas vezes ziguezaguei, com o *Byron* fiel, pelas encostas restolhantes do Facho, e vi, na pouco distante Revogato, a rua excepcional de japoneiras, onde devem florescer camelias certamente mais belas que as do n.º 9.

Fernandes Lima —Lima Machado Pereira na arte— vive quasi todo o ano em Fundoais, lá para as bandas acidentadas da Gralheira, visinho e conviva habitual do solar da gentilíssima *Clarinha* —essa deliciosa Quinta do Paço, rica dos variados panoramas da Beira-Douro e fértil em horas dum encanto raro.

Foi lá, nos primeiros dias duma longa temporada de sumptuoso outono, a que só a *Cherazade* de Diaghilew teve forças para me arrancar, que eu conheci as aspirações artísticas de Lima Machado Pereira—António Joaquim Fernandes Lima fóra da arte— e o seu sonho de chegar á evidencia.

Os seus quadros, ainda mais locais que regionais, e em que muito o preocupam a

inalterabilidade e duração das tintas, vieram; por isso, recordar-me o cenário maravilhoso onde passei dois dos meus melhores mezes, superalimentando-me e cavalgando quasi diariamente o convidativo *Mulato*.

Vim [de lá mais] gordo, claro, mas continuando a não saber montar;

que não basta escarranchar-se a gente num garrano, como naquela jornada, de tres dias, a Lamego e Resende, para se tornar cavaleiro.

Com a bonomia que os ares da serra transmite, espero que Fernandes Lima não me levará a mal que eu lhe diga que sucede com ele coisa semelhante ao que me aconteceu com o *Mulato*. Porcorri em seu dorso, e no da brincalhona *Roleta*, desfiladeiros tremendos, sem chegar a aprender equitação. O Lima, que tem pela arte de Marialva negação superior á minha, teima tambem em pintar, sem ser rigorosamente um pintor. §

Como eu, improvisado amator equestre, me estateei tres vezes com montada e tudo, ele, nos seus melhores quadros, não logra exceder as fronteiras da habilidade dum curioso.

Para a escultura, tem mais queda. Com

*bergonha* do sr. fidalgo é um bronzinho escapatorio.

Eis o que, apertando a mão ao pintor de Fundoais, me ocorre dizer da sua exposição da Rua Serpa Pinto— nome illustre, com que ele tão costumado está a conviver!



Uma natureza morta, da sr.ª D. Adelaide Lima Cruz

MARIA ADELAIDE LIMA CRUZ

DOS três quadros da distinta amadora D. Adelaide Lima Cruz, se não me engano, já conhecidos, ha a dizer que estão ali unicamente para servir de fundo aos numerosos trabalhos da filha mais nova: óleos, dois pasteis, caricaturas e impressões.

Na idade em que as outras se entreteem com bonecas, a pequena Maria Adelaide, senhora tambem, provavelmente, dalguma boneca estimada, gasta a maior parte do seu tempo a fazer bonecos, que são alguns muito engraçados.

Ainda não fez treze anos e já vai na terceira demonstração publica da sua habil precocidade, que pode muito bem encobrir uma ilustradora de futuro.

Pelas grandes janelas dos seus oculos, que a sua auto-caricatura acentua, esta expositora-menina vê a sociedade como uma qualquer pessoa crescida, a quem certos ridiculos não escapam e a vida crestou já os conceitos pueris. E' talvez esse, até, um dos mais inquietadores defeitos da mais petiza das desenhistas lisboetas: a sua contristante falta de infantilidade; a excessiva gravidade dos seus juizos sobre coisas que ela, como criança, não pôde entender bem.

Carinhosamente amparada pela materna vigilancia, sente-se que hábastante espontaneidade nas scenas humoristicas ou nas notas

caricaturais da expositorazinha; mas não deixa de causar apreensão vê-la tão distanciada do verdadeiro espirito da pequenice.

Assume caracter por demais temporão a visão que Maria Adelaide tem do mundo e dos seus maiores. Representa as crianças como se fosse crescida, sem camaradagem; os rapazes e as raparigas, como sua igual.

Há, portanto, muito de assimilado e indirecto nas suas observações duma certa roda; um fatigante processo elaborador, que sobre põe á ingenuidade propria da idade o comentario duma falsa experiencia.

O que, tudo, não desmerece o que ela faz ou combina, por vezes com espirituoso traço, como o «Na Praia», e outras com um certo instinto de elegancia, como na «Provocante».

Quanto aos oleos, marca-os a demasiada sofreguidão de os pintar, uma ansia quasi mórbida de fazer como os grandes. Em nenhum, há os percalços titubeantes, os achados simplorios, de quem pinta por brincadeira. Sente-se mesmo, num que outro, o paroxismo da obstinação prematura.

Reparo agora que estou tratando a serio demais esta exposição de criança: criança, todavia, pouco frivola e desconcertante, que, por se aproximar tanto, como artista, da maioridade, chega, ás vezes, a parecer adulta.

Porque não ha duvida de que Maria Adelaide tem treze anos, mas os seus oculos são muito mais velhos...

MANOEL DE SOUSA PINTO

(Clichés Salgado)



Caseira — Lima Machado Pereira



## O CARNAVAL EM NICE

O Carnaval em Nice decorreu este ano com o maior entusiasmo. Nice é o último refugio do Carnaval, do Carnaval de seda de outros tempos. Jean Lorrain — um dos grandes escritores de Nice — já não pôde dizer-nos, na suas crônicas, admiráveis, toda a magia, o misterio guisalhante dos carnavais de Nice. Vamos recorrer ás fotografias, inertes que paralisam a Vida, que nos dão uma pálida ideia da verdade. Aí ficam entretanto alguns aspectos do Carnaval de Nice deste ano, as fotografias de alguns carros premiados na grande Batalha de Flores, a tradicional batalha, a pa-



gina mais alegre e mais colorida da Europa.

O Carnaval de Nice esteve suspenso durante a guerra. Nem mascaras, nem *confetti*, nem os carros vistosos... Nos primeiros anos, após a guerra, Nice não conseguiu logo readquirir o seu bello ritmo de folia... Foi este o primeiro ano, em que o carnaval *Avant-Guerre* reapareceu em Nice. Era preciso saudá-lo.

A «Ilustração Portuguesa», magazine de elegancias e de bom gosto, não podia deixar de arquivar nas suas paginas, a Renascença do carnaval de Nice, o carnaval apoteotico da alegria...



*Halina Malden*

Algumas  
alunas  
da  
Escola  
Cinematografica  
de  
Varsovia  
dirigida  
por  
Rino Lupo



*Lucina Grankovsha*



*Kowska*



*Lina Stefani*

Rino Lupo que abriu uma Escola Cinematografica no teatro Politeama, dirige tambem uma Escola de Cinematogro em Varsovia. Damos hoje os retratos de algumas das suas discipulas, fazendo votos para que em Lisboa ele obtenha o mesmo exito que obteve em Varsovia.



*Mary Boyé*



# A SEMANA SPORTIVA

**D**E segunda-feira, 13, a segunda-feira, 20, foi uma semana. Isto mesmo diriam os meus correlegionários e saudosos amigos Mr. de La Palisse e o conselheiro Acacio, se ainda vivessem. Mas, o que eles talvez não dissessem—e nisto levo-lhes a palma—é que foi uma semana sportiva, cujos principais acontecimentos vou tentar contar vos, em segredo.

O celeberrimo *raid* aéreo Lisboa-Brazil, que os srs. Gago Coutinho e Sacadura Cabral iam levar a efeito sómente para poderem ir daqui ao Rio sem pagar passagens—e tudo quanto ácerca desse *raid* se disse, não passou de uma fantasia de uma pura invenção. Porem, se não fosse fantasia, era possível que ele se levasse a efeito.

Se dos ares quisermos baixar á terra, isto é: dos aviões passar para os automoveis, devemos dizer que se publicou o regulamento da corrida «II Rampa da Pimenteira» que, em breve, vai ser levada a efeito. Em breve, quero dizer: em fins de abril.

E, se desejarmos ainda, subir da terra aos ares, passar dos automoveis novamente para os aviões, diremos que a já celebre corrida aerea da Amadora, não se realizou, nem se realisa, se tudo continuar assim.

Em *Foot-Ball*, tivemos muitas e variadas surpresas. Domingo passado, o União Lisboa, em primeiras categorias, venceu o Casa Pia por 2 a 1 e os Belenenses venceram o Imperio por 4 a 1. Agora é que se

pode dizer, e isto sem *calembourg*, que a Casa pia a victoria do União Lisboa, lá diz o ditado que a *união* faz a força, e que o *império* dos Belenenses é evidente.

Os arbitros destes desafios, e principalmente o sr. Rebelo da Silva, estudaram, durante esses *matches*, a «Arte de escangalhar o Foot-Ball» (2.<sup>a</sup> edição).

No Porto, disputou-se, pela primeira vez, o Campeonato Nacional de *Cross-Country*, tendo sahido vencedora a *equipe* de Lisboa. Confessamos que não nos admirou o resultado; os homens desta adoravel cidade, habituados já ás greves hebdomadarias da Carris, andam treinados a correr por essas ruas e não causa espanto que vençam, em provas pedestres, os homens do Norte, para os quais os electricos não são, como para nós, uma coisa que existe só *em teoria*.

Estava tambem anunciada para domingo, 19, a quarta «poule» hipica para disputa da Taça «Ricardo». Porém, os nossos elegantes cavaleiros não poderam envergar a casaca encar-

nada, não julguem que me refiro á peça do sr. Vitorino Braga, pois que o tempo não o permitiu. Para a outra vez será. Não desanimem e vão dando razão aos cavallinhos.

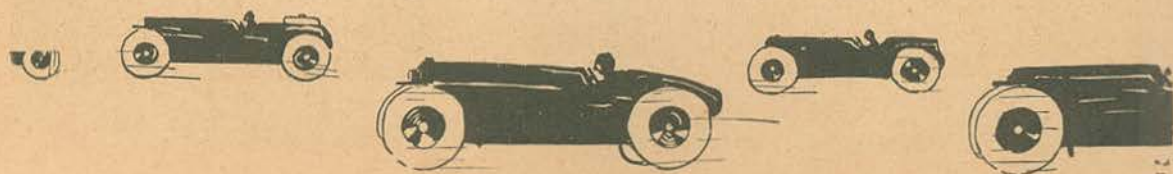
No Ginasio Club houve uma prova de forças; pela terceira vez, disputou-se o «*Criterium* Francisco co Padinha».

E, findou a semana porque mais não vos quero dizer.



S...

Desenhos de A. S.





*Grupo tirado á porta da igreja dos Anjos por ocasião da cerimonia do casamento da sr. D. Elvira Roque Gameiro, sobrinha do grande aguarelista Roque Gameiro, com o sr. Olimpio Tadeu Mendes*



*O porto de Macau. Fotografia obsequiosamente enviada pelo nosso correspondente*



# OS LIVROS DA SEMANA



Joaquim Leitão

**O VARRE CANELHAS e CABEÇA A PREMIO**, de Joaquim Leitão — Joaquim Leitão, recentemente eleito para a Academia das Sciencias — consagração acolhida com presteza por toda a multidão literaria de Portugal — acaba de fazer sair duas segundas edições de livros. Trata-se do *Varre Canelhas*, muito curiosa e vigorosa novela transmontana, cheia de pitoresco, de modos energicos de descritivo, de pulsações veemente psicologicas, foi muito clara e fulgurante afirmação de sensibilidade poderosa e de estilo fortemente equilibrado. Joaquim Leitão é um prosador só-

brio, de pinceladas intensas, com um espirito dissertador e vibratil de meridional — comunicando vida, sabor humano, aos seus personagens e aos seus ambientes. No *Cabeça a Premio*, um livro de contos, Joaquim Leitão documenta igualmente a sua tecnica lucida nos pequenos momentos emocionaes e paisagistas. E' bem difficil realizar, entre nós, com aquele *raccourci* de processos, sugestões impressionantes e diversas. Joaquim Leitão, que não é, evidentemente, um escritor moderno, que não procura auscultar a vertigem inedita da epoca, merece a nossa atenção e a nossa homenagem pelo enlevo das suas personalidades e pela segurança justa das suas paginas de Arte.



Chagas Roquete

**D. PERPETUA QUE DEUS HAJA**, peça em 4 actos de Chagas Roquete — E' muito difficil fazer rir com a expontaneidade gentil com que o faz Chagas Roquete... Na vida moderna, amarga, sarcastica, confusa — quasi sempre o riso vem numa contração, numa cicatriz... Chagas Roquete é um humorista facil, correntio, ameno, onde o espirito devota naturalmente, maravilhosamente, como uma agua limpida... *D. Perpetua que Deus haja* — é uma esplendida *charge* de costumes, uma admiravel galeria de caricaturas, onde as mascaras grotescas e os gestos histrionicos se sucedem, se completam num

efusivo successo de ironia, flagrantes, imprevisitos, originais. Recordo-me bem de vêr a peça, ha anos, no Gimnasio com Maria Matos na protagonista. Tive, nessa altura, uma situação nitida e vibrante de graça fluente, certa. Essa minha sensação manteve-se acentuou-se, cada vez mais precisa, na leitura do volume agora aparecido. Chagas Roquete é um dos nossos primeiros humoristicos-critico do *au-jour-le-jour* curioso e abraçadabrante da nossa gente burgueza, Resta-me cumprimetal-o. Agora, na sua resurreição, a sua heroína que mais uma vez se manifesta — perpetua...



Na Legação de França. — Por ocasião da condecoração do sr. dr. Julio Dantas



# CORRESPONDENCIA DE MISS MABEL

MISS MABEL continúa a receber diariamente na redacção da *Ilustração Portuguesa*, inúmeras cartas de consulta. Hoje começamos a publicar as respostas da celebre quiromante e cartomante, que escrupulosamente atende todos os seus clientes.

Para consultar *Miss Mabel* basta seguir estas indicações. Passado, presente e futuro, por quiromancia: Enviar com a data de nascimento, morada e nome (ou pseudónimo) o contorno exacto da mão esquerda e a reprodução das principais linhas da mesma mão.

Por cartomancia: Partir um baralho de cartas com a mão esquerda, e dizer a carta por que o baralho foi partido, assim como o naipe que prefere, á excepção do naipe de espadas. Mandar data do nascimento, morada e nome (ou pseudónimo).

Copiar a seguinte oração:

«Cartas, pelo poder de S. Cypriano que sete anos no mar andou, sete sortes por sua esposa deitou, dizei-me com lealdade o que desejo saber.»

As respostas serão dadas no jornal gratuitamente com a demora maxima de 15 dias, ou em carta particular mediante a quantia de 50 centavos e uma estampilha de 10 centavos para a resposta. Os senhores assinantes que desejem resposta particular terão apenas que enviar uma estampilha de 10 centavos e o numero da sua assinatura.

**MARIA, A SEMPRE TRISTE**—nascida em 12-3-1902.—Com o maior prazer consultei as cartas pensando em si. Se não me engana em nada do que me diz, garanto-lhe que em breves dias sucederá qualquer coisa na sua vida que vai modificar por completo o curso da sua existencia. Visto que assim o deseja só lhe falarei do futuro. O passado magoou-a muito... E' verdade, sim, mas a culpa foi sua também. Se tivesse sido menos romantica, menos exaltada, menos exigente, se, em resumo, tivesse sabido impôr-se mais, a vida ter-lhe-hia sorrído. As cartas, porém,

garantem-lhe um futuro melhor. Ha de aparecer-lhe breve—se não lhe apareceu já—alguem que ha de jurar-lhe amor. Não creia. E' um falso que pretende mistificar-a. A verdadeira paixão da sua vida ha de chegar um pouco mais tarde... Consulte-me n'essa altura. Vejo ciumentos no seu caminho. Acautele-se. Pequenos dinheiros a esperam. Viagem longa. Mudança de meio. Perigos prováveis. Más linguas entre as suas amigas, genio facil, domavel, bondoso. Inteligente.

**AMOR RESIGNADO**—nascida em 7-2-903.—As cartas consultadas em

sua intenção afirmam que a principal causa da sua tristeza desaparecerá em breve, quando deixar de ser tão desconfiada e tiver um pouco mais de paciencia para suportar os revezes da vida. Sobre o caso especial em que me fala, dir-lhe-hei que nada posso garantir-lhe desde já, pois o seu futuro depende um pouco da sua vontade. Se conseguir mostrar uma certa indiferença ao homem que ama, se tiver a coragem de se mostrar despreocupada e até um pouco desdenhosa, verá como ele se volta definitivamente para si. O principal motivo da sua frieza é o seguinte: ha no caminho d'ele outra mulher que ele não ama, mas que á força de *coqueterie* e das atenções provocantes, consegue desviar-o do bom caminho. Não lhe fale n'isto porque não é de boa tática. Mas torne-se menos passiva, prepare-se para lutar com a sua rival desconhecida, e verá como se dá bem com os meus conselhos. No seu futuro, vejo uma pequena fortuna, afeições sinceras e a morte de uma pessoa de familia bastante afastada.

**FLOR DO MAR**—nascida em 1-3-1906.—Para que procura mistificar-me? Creia que me faz pena o seu procedimento. Não é tão facil fludir-me como supõe. Não é casada, nem fez agora uma grande viagem, nem se dedica á literatura. E' simplesmente uma rapariga facil de apaixonar que vive aborrecida n'uma perdida aldeia da Beira, e que sofre de uma pequena desillusão de amor. A sua alma não é tão clara como seria para desejar. E' capaz de perfidiasinhas e não é amiga muito segura. Tem mau genio, e já prejudicou muito uma pobre creatura que lhe teve amor e se fiou em si. O seu presente é uma successão de dias monotonos. O seu futuro dá-lhe um certo bem estar, mas nunca—e com pena lh'o digo, *apesar de tudo*—uma felicidade completa e duradoira.

# TONICO FORMIOL MUSCULAR

(REGISTADO)

## MEDICAMENTO DE EXITO NOTAVEL

Na cura da fraqueza geral, fraqueza cerebral, fraqueza genital, neurastenia, anemia, tuberculose, doenças do coração e pulmões,

afecções nervosas, suores noturnos, prostração física, menstruações irregulares, perdas seminaes, escrofulas, linfismo, falta de apetite, palidez, hemorragias, afecções osseas, raquitismo, digestões laboriosas, prisão de ventre e fraqueza senil. Rapido e energico. Tónico por excelencia do sistema nervoso e muscular, aumentando sempre a resistencia á fadiga derivada

do esforço muscular prolongado, quintuplicando as forças e evitando a pobreza fisiologica, traduzindo-se o seu efeito por um aumento de peso e das forças. As pessoas que habitam nos climas quentes e as que se dedicam ao «sport» tem absoluta necessidade de fazer uso do «Formiol», com o fim de evitar o exgotamento fisico derivado do excesso do clima e do abuso das forças.

Este medicamento tem sido experimentado por varias sumidades medicas e doentes (como podemos provar) obtendo sempre ottimos resultados. Não tem dieta. A venda em todas as farmacias e drogarias. Preço 5:00. Correio, até dois frascos, mais 50 centavos. Deposito geral: Farmacia Albano, rua da Escola Politecnica, 59, Lisboa. Depositarios em Lisboa: Farmacia Barral, rua do Ouro, 128; Estacio, Rocio, 60; Azevedo, Rocio, 31; Pimentel & Quintans, rua da Prata, 196. Porto: Farmacia Birra, Praça da Liberdade, 124. Coimbra: Farmacia Nazareth, R. Ferreira Borges, 139. Santarem: Farmacia Bastos, R. da Misericordia, 121. Setubal: Farmacia Oliveira, R. da Misericordia, 14. Evora: Farm. Ferro, R. João de Deus, 33. Faro: Bandeira & C.ª rua de Santo Antonio, 50. Africa Occidental: S. Tomé, José Pedro da Fonseca, rua General Calheiros. Benguela: Farmacia Continental. Oanda: Serra, Annes & Irmão

## O ERGA

E', segundo a opinião dos Ex.<sup>ms</sup> medicos que o tem experimentado, um tónico de eficacia certa e sem igual, sobretudo nas afecções seguintes:

Anemia, clorose, neurastenia, padudismo, doenças do peito e enfraquecimento geral. Excelente nas convalescenças.

Excita o apetite e dá força sendo muito bem tolerado pelo aparelho digestivo.

**Preço 4\$00**

DEPOSITO HYPODERMICA

P. DJ SALITAG. 153 — TELEF. 765 N

## CASAMENTO

O conhecido astrologo J. RABESTANA (o homem misterioso), acaba de descobrir o segredo unico e infalivel para conseguirdes um casamento feliz e evitardes um casamento infeliz. E' um trabalho scientifico, e ao alcance de todas as pessoas. Envie a data do seu nascimento e 5:000 réis para conhecer este poderoso segredo que vos dará a felicidade no casamento.

Rua Pascoal de Melo, 103, 1.º, frente, LISBOA.



## Dôres nos quadris

As dôres nos quadris desaparecem immediatamente com uma applicação de

**Linimento Sloan**

Penetra instantaneamente no logar da dôr sem fricção. Activa a circulação do sangue e allivia as congestões, dando um resultado permanente.

O Linimento Sloan

não tem rival como remedio, para o rheumatismo, neuralgia, ou qualquer dôr e rigidez dos musculos e nas articulações dos ossos.

É um mata-dôr de excellencia. So é legitimo com a assignatura de

*Dr. J. B. Sloan*

(Vende-se em todas as Pharmacias).

## Linimento de Sloan

MATA DÔRES

Depositarios exclusivos para Portugal e colonias: Walker Bros & C.º Trav. do Cotovelo, 37, 1.º-Lisboa. 11, R. MOUSINHO DA SILVEIRA — Port.

## O passado, o presente e o futuro

Revelado pela mais celebre chiro-mante e fisionomista da Europa

### Madame Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fziologia e pelas applicações praticas das teorias de Gall. Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenilgney, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do Imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas todos os dias utels. em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-



das 11 da manhã ás 7 da tarde em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-

## M.ª VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE



Tudo escirece no passado e presente e prediz o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinhelro.

Consultas todos os dias utels das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 50 centavos para resposta.

Calçada da Patriarcal, n.º 2, 1.º, Esq. (Cimo da rua d'Alegria, predio esquina).

11, quarta-feira, 0

Suplemento de MODAS & BORDADOS DO "SEculo"

20 centavos

# A GRANDE TERAPEUTICA

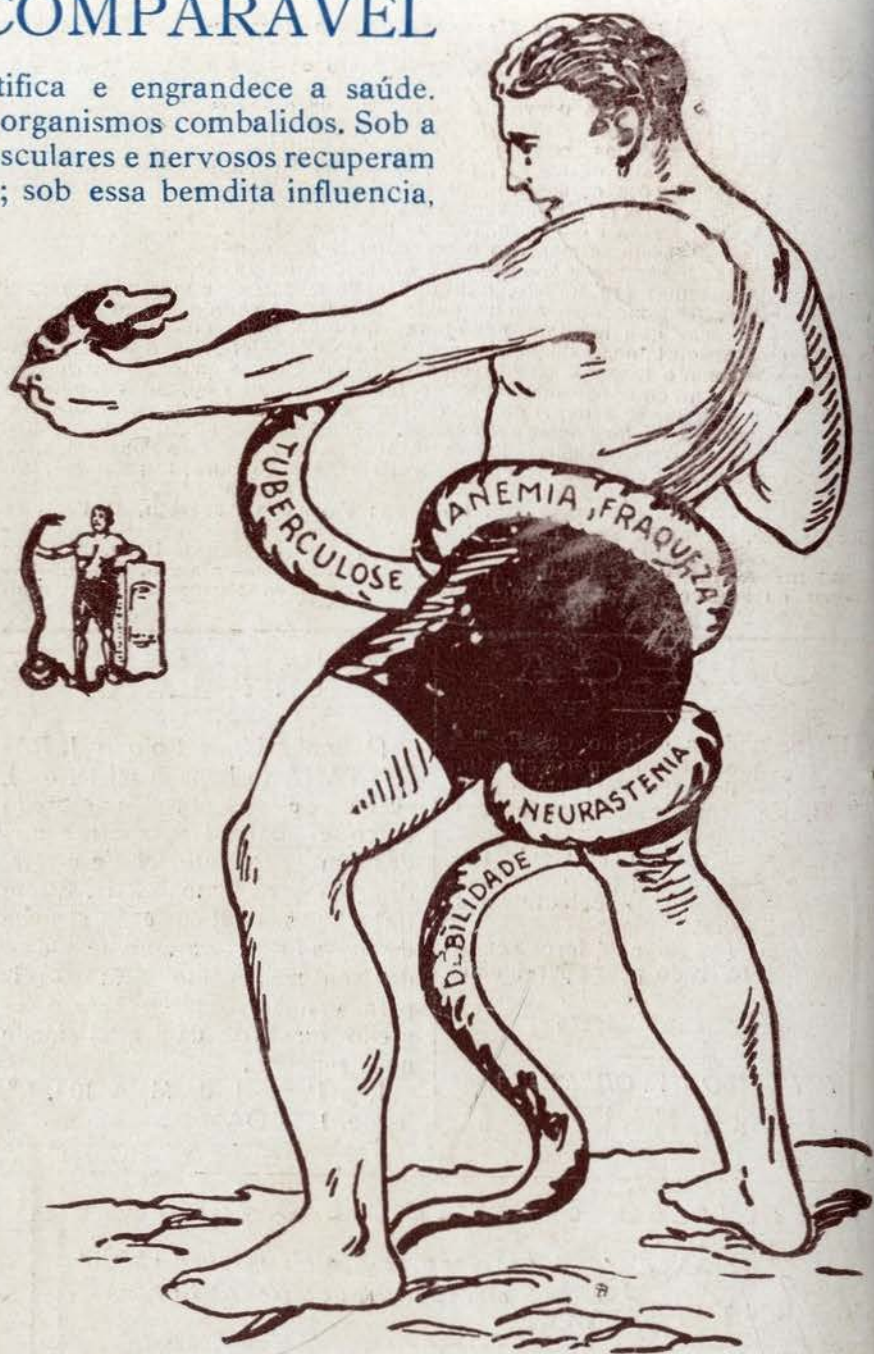
# EMONEURA

## TONICO IMCOMPARAVEL

Estimula, desperta, tortifica e engrandece a saúde. E' a providencia unica dos organismos combalidos. Sob a sua influencia, os tecidos musculares e nervosos recuperam todas as suas propriedades; sob essa bemdita influencia, engrandecem-se as forças da medula espinhal e de todo o sistema nervoso-cerebral e do «grande simpático», sendo assim o EMONEURA um remedio efficacissimo da neurastenia. Actua em todos os casos em que ha desmineralisação do organismo ou enfraquecimento geral. Por isso, combate com exito a tuberculose, olinfatismo, a anemia, o escrofuloso, a clorose, a diabetes, os suores nocturnos, as afecções osseas, as hemorragias, o paludismo, o emagrecimento, a prostração fisica e intelectual, as perdas seminais, a prisão de ventre, a palidez, a debilidade senil, etc.

NÃO TEM DIETA DE ESPECIE ALGUMA.

TODA A CLASSE MEDICA DO PAIS O PREFERE E O PRECONISA COMO GRANDE MEDICAMENTO-ALIMENTO.



PREÇO, 3\$50

DEPOSITARIOS—Raul Gama—*Rua dos Douradores, 31*—Naar Bensliman & C.<sup>a</sup>, L.<sup>a</sup>—*Rua aos Correios, 110, 2.º*.

PORTO—Lourenço Ferreira Dias—*Rua das Flores, 157*.

LOANDA—Serra, Annés & Irmão, L.<sup>a</sup>

DEPOSITO GERAL—Manuel J. Teixeira.

101, RUA POÇO DOS NEGROS, 101-A — LISBOA